Anno de 1843. Sabbado 15 de Julho Anno XIX. N. 151.

Tudo agora depende de nós mesmos; da nossa prudencia, moderação, e energia: continuemos como principiamos, e seremos apontados com admiração entre as Nações mais cultas. (Proclamação da Assembleia Geral do Brasil.)

O Diario publica-se todos os dias que não forem Santificados: o preço da assignatura he de tres mil reis por quartel pagos adiantados. Os annuncios dos assignantes são inseridos gratis, e os dos que não forem à rasão de 80 reis por linha. As reclamações devem ser dirigidas a esta Tip., rua das Cruzes N. 34, ou a praça da Independencia loja de livros N. 6 e 8.

PARTIDAS DOS CORREIOS TERRESTRES.

Goianna, e Parahyba, segundas e sextas feiras. Rio Grande do Norte, quintas feiras. Bonito e Garanhuns, à 10 e 24.
Cabo, Serinhãem, Rio Formoso, Porto Calvo, Maceiò, e Alagoas no 1°, 11. e 21.
Boa-vista e Flores à 13 e 28. Santo Antão, quintas feiras. Olinda todos os dias.

DIAS DA SEMANA.

10 Seg. s. Januario e seus comp. Mm. Aud. do J. de D. da 2. v.
11 Terç. s. Sabino. Rel. Aud. do J. de D. da 3. v.
12 Quart. s. João Gualberto Ab. Aud. do J. de D. da 1. v.
13 Quint. s. Anacleto P. M. Aud. do J. de D. da 2. v.
14 Sex. s. Boaventura B. Aud. do J. de D. da 2. v.
15 Sab. s. Camilo de Lelis. Rel. Aud. do J. de D. da 1. v.
16 Dom. O Anjo Custodio do Imperio.

CAMBIOS—No dia 14 de Julho.

			compra	venda.
Cambio sobre Londres 25 ½.		Ouro-Moeda de 6,400 V.	16,400	16,600
« « Paris 360 reis por franco.		« « « N.	16,100	16,400
« « Lisbôa 110 por 100 de premio.		« « de 4,000 »	9,000	9,200
		Prata-Patacões	1,900	1,920
Moeda de cobre 2 por cento.		« Pezos Columnares	1,900	1,920
Idem de letras de boas firmas 1 ½ a ¾.		« ditos Mexicanos	1,900	1,920

PHASES DA LUA NO MEZ DE JULHO.

Lua Cheia á 11, ás 2 horas e 46 m. da tarde. | Lua nova á 27, ás 3 horas e 23 m. da m:
Quart. ming. á 19, ás 11 horas e 22 m. da m. | Quart. cresc. á 4, ás 4 horas e 43 m. da tarde.

Preamar de hoje.

1.ª a 6 horas e 54 m. da manhãa. | 2.ª a 7 horas e 18 m. da tarde.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

PARTE OFFICIAL.

Commando das Armas.

EXPEDIENTE DE 5 DO CORRENTE.

Officio — Ao Exm. Presidente, rogando-lhe a expedicçaõ de suas ordens, para que fossem condusidas ao forte do Buraco, ou ao arsenal de guerra a peça de ferro de calibre 12, que se achava no Varadouro da cidade de Olinda, para ali levada por alguns estudantes, e bem assim mais quatro do mesmo calibre e metal existente nos fortins de S. Francisco, e Monte-negro, visto estarem os mesmos em abandono.

Dito—Ao mesmo Exm. Sr., pedindo-lhe providencia acerca da remoção de alguns presos de justiça existentes na fortalesa do Brum; por assim ser conveniente ao serviço, e a diciplina.

IDEM DO DIA 6.

Officio — Ao Exm. Presidente, remettendo-lhe para ser presente a junta de justiça o processo verbal feito ao primeiro cadete Antonio Carlos Paes Barreto em consequencia de irregularidades no serviço, e falta de cumprimento de deveres.

Dito — Ao mesmo Exm. S., enviando-lhe informado o requerimento de Izabel Maria de Lima, que pedia a exclusão de um seu filho do batalhaõ de infantaria de guardas nacionaes destacado, onde servia como guarda, por ser o seu unico arrimo.

Dito — Ao coronel commandante interino da fortalesa do Brum, prevenindo-o que as nove horas da manhãa do dia 8 tinhaõ de embarcar para a corte no vapor *Bahiana*, os 28 recrutas do Rio Grande do Norte, ali reclusos.

Dito-Ao commandante do batalhaõ de artilharia, para excluir no dia 7, os 55 soldados e recrutas do Rio Grande do Norte, que se achavaõ addidos ao batalhaõ do seu commando, os quaes deviaõ ser enviados para bordo do vapor *Bahiana* as 9 horas da manhãa do dia oito do corrente, e entregues ao capitaõ Francisco Machado do Rego Barros, devendo declarar na guia que lhe remettia, o abono da etape feito as referidas 55 praças de 21 do mez p. p., á 7 deste mez.

Dito—Ao Inspector do Arsenal de Marinha, a fim de prestar as lanchas necessarias para o embarque das 55 praças do Rio Grande do Norte.

Dito—Ao Commandante da companhia de cavallaria, mandando obrir assento de praça voluntario, a Manoel Fulgencio de Lima, que nesta data hia ser excluido do batalhão de Infantaria de G. Nacional destacado, certo que nos seus vencimentos devia discontar a importancia do fardamento, que ficou a dever ao dito batalhão, segundo a conta, que lhe teria de ser apresentada pelo respectivo commandante.

Dito—Ao Commandante da companhia d'artifices, remettendo-lhe as folhas dos officiaes, para serem reformadas, elliminando da que disia respeito as gratificações, a de 4$ tirada para o official empregado no laboratorio, que a cobraria agora por um recibo, e nos mezes seguintes pela folha do Arsenal de Guerra, e na dos soldados observar a licença do 2.° tenente Paes Barretto, de conformidade com a ordem do dia de hoje.

Portaria — Ao Tenente coronel commandante do batalhão de Infantaria de Guarda Nacional destacado, mandando excluir ao guarda Manoel Fulgencio de Lima, que voluntariamente se hia alistar na companhia, de cavallaria a cujo commandante devia remetter a conta do fardamento que estava a dever o dito Lima, a fim de ser discontada a importancia, nos seus vencimentos.

INTERIOR.

RIO DE JANEIRO.

DISCUSSAÕ DO CREDITO SUPPLEMENTAR NO SENADO.

Continuação do n. antecedente.

(Conclusão.)

Até aqui eu não era mais do que o orgão da commissão, na ausencia do seu illustre relator, o Sr. Alves Branco. Depois, Sr. Presidente, voltei ás minhas idéas velhas, que não têem sido refutadas; entendia que não se devia pagar juros; a estipulação feita pelo governo não tinha recebido do corpo legislativo a sancção que pela lei da Regencia devia obter. Além d'isto, tinha intenção de desavir-me com Portugal, por ter violado um artigo do tratado: — alteou os impostos sobre nossos generos, a ponto de os excluir do seu mercado, e nós não aproveitamos essa occasião para sacudir o jugo dos tratados da independencia!

Quanto a convenção, eu devo agradecer ao nobre senador pelo Ceará o Sr. segundo secretario, que hontem pôde explicar o seu acto sem que offendesse a minha pessoa. Agradeço-lhe isto muito, porque o seu illustre collega (o Sr. Lopes Gama) bastante tyranno comigo.

Pretendeo o nobre senador pelo Rio de Janeiro convencer-me de que a convenção era boa, e que eu era um formidavel ignorante nesta materia. Como eu esteja persuadido que, para se ser diplomata, não são necessarios estudos especiaes; que, havendo penetração e os estudos das sciencias sociaes com algumas outras connexas, se póde ser um excellente diplomata, metto-me tambem a dizer quatro palavras sobre estas materias. Estarei em erro, e lembro-me sempre do que disia um lente de mathematica, muito celebre, a outro de direito, tambem muito celebre, na universidade de Coimbra, que lhe perguntava:—Para que serve essa geometria que se exige dos moços que se propõe a formar-se em direito?—Respondia-lhe o lente de mathematica:—Meu amigo, é para se não fazerem taes perguntas—*(risadas)*. Póde ser que eu mereça similhante resposta; mas ao menos fallo apadrinhado com homens que Europa culta venera.

Disse o nobre senador que eu reprovo a convenção, porque elle não se subjeita a partidos, porque a sua rasão guia-se por si. Eu nunca convidei o nobre senador para algum partido, nem sei mesmo se tenho partido; ao menos ninguem dirá que tem tratado comigo sobre algum objecto de partido; nunca pedi um voto ao nobre senador, nem a algum outro. Então para que se me ha de attribuir o intuito de contrariar uma obra do nobre senador, só porque elle não se quer subjeitar ao meu partido? qual é o meu partido?!....

Disse mais o nobre senador que eu não achava obra boa senão a que sahe de minhas mãos. Ora, o senado sabe que eu tenho a honra de sentar-me nesta casa ha cinco annos; quantas emendas tenho eu feito, quantos projectos de lei naõ tenho eu approvado? Eu convido a quem assim me acusa a ir a secretaria ver as minhas emendas, e lá encontrará algumas escriptas pela letra do nobre ex-ministro da justiça, e assignadas por mim, apparecendo eu neste caso como orgaõ do Sr. Paulino, que, pela idade, até podia ser meu filho. — Qual é pois o meu orgulho?!....

Disse o nobre senador que fui eu quem o offendi, que o tachei de inepto, porque reprovo a sua convenção. Mas naõ poderei eu diser o contrario? — Reprovei esta convençaõ quando ministro; ella me parecia prejudicial; foi depois approvada pelo nobre senador; logo, pelo seu principio, tachou-me de inepto, accusou-me perante o paiz de deleixado quando se tratava de seus interesses.

O nobre senador disse, com sorriso de compaixão:—Disso naõ duvido eu—. Mas o meu engano procede de que a convenção principia por declarar que ella é feita em conformidade da convençaõ secreta de 29 de agosto de 1825, em que se estipulou que a divida de governo a governo seria liquidada por uma commissão especial. Eu naõ vi declaração alguma a que se pudesse referir essa regra geral, e disse que, como estavamos na posse de soffrer interpetrações contra nós, era provavel que naõ tivesse mais lugar reclamação alguma para estas liquidações, visto que se tinha dado execuçaõ plena a essa convenção secreta.

(O orador faz, a este respeito, mais algumas observações que naõ se perceberaõ, e continúa.)

—O nobre senador disse que naõ tinha imposto obrigaçaõ nova ao Brasil no artigo terceiro dessa convençaõ; porque, se o Brasil naõ podesse amortisar, como determinava esse artigo, naõ amortisaria. Mas entaõ para que é elle? Eu penso que esse artigo ha de ser mal interpretado na Europa, principalmente na praça de Londres. Até se ha de dizer que o governo brasileiro sanccionou uma fraude, porque obrigou-se o Brasil (sem que possa pagar) a amortizar, naõ só com £ 50.000, mas com mais de £ 100.000! Isto fará com que muitos capitalistas comprem esses fundos por baixo preço e os guardem, á espera de que cheguem ao par; porque, naõ amortisando o Brasil (como naõ pediaõ os nobres plenipotenciarios ignorar), as apolices logo baixarão, faltar-se-ha ao promettido, e eis ahi muitas familias arruinadas por terem acreditado na palavra do governo Brasileiro.

O nobre ex-ministro dos negocios estrangeiros propoz-se a responder a esta observaçaõ; mas, pelo que lhe ouvi, naõ tem ainda estudado a convenção, porque disse que estas minhas palavras equivaliaõ a accusar um acto que augmentava o nosso credito no estrangeiro. Será meio de augmentar o credito de qualquer devedor obrigar-se este ao que naõ ha de, nem póde cumprir? —Tem-se amortisado este emprestimo, apesar de que até o presente o governo só fosse obrigado a concorrer com £ 50.000 para amortisaçaõ? Naõ: logo como se diz que esta promessa vai augmentar o credito do Brasil nos paizes estrangeiros? Vai elevar momentaneamente as apolices em proveito de especuladores que lucrarão á custa de muitas familias, e nesse caso tem lugar a regra dos taes Israelitas do Sr. Hollanda Cavalcante.

Tem-se insistido em que a convenção está muito bem feita. Srs.! eu nunca disse que os commissarios brasileiros a tinhão feito mal; eu naõ tenho entrado na analyse das parcellas. O que eu entendo que se devia recommendar aos plenipotenciarios era que elles naõ consentissem que as quantias adiantadas a Portugal fossem abonadas em outra conta que naõ fosse a do emprestimo. Disse-me hontem o nobre senador o Sr. segundo secretario que antes se deviaõ abonar na divida das £ 600.000, porque estava vencida. Eu ja respondi a esse argumento —que tambem a divida do emprestimo estava vencida.—Até houve esta irregularidade (eu naõ quero alargar-me muito sobre a cifra); o governo brasileiro tinha já comprado na praça de Londres, apolices para amortisar o emprestimo, e estas mesmas apolices foraõ entregues ao governo portuguez: contemplaraõ-se essas apolices nessa convençaõ? Alem de que o governo portuguez recebeu do governo brasileiro £ 550.000, sem declaração da divida em que devera ser abonada esta soma.

Srs., esta divida das £ 600.000 é uma divida particular; estas propriedades que constituiaõ bens livres do Sr. D. Joaõ VI, passaraõ a seus herdeiros. Hoje é que essas propriedades constituem bens de côroa, porque foraõ pagas pelo thesouro nacional; mas antes, naõ. Por isso até naõ havia quem recebesse essa quantia em Londres: entretanto despresou-se tudo isto. Eu ainda naõ sei o que se ha de responder aos herdeiros do Sr. D. Joaõ VI, se pedirem o pagamento desta divida. Dir-se-lhes-ha que se deu o saldo della para a restauraçaõ da corôa da Senhora D. Maria II?!....—Se D. Miguel citar o governo do Brasil a este respeito, dar-se-lhe-ha por ventura esta resposta? dir-se-lhe-ha o que disem os Portugueses ao Brasil:—dai-me para cá 3,000 e tantos contos que nós gastamos com a condução de tropas para Montevidéo, e fornecimento das do general Madeira, que derramaraõ o vosso sangue na Bahia?!....

Eu argumento deste modo; naõ sei como o Sr. ministro de estrangeiros naõ acha procedente esta argumentaçaõ! Ao menos eu a aprecio muito, porque me parece que exprime o sentimento de todos os Brasileiros.

Nós entregamos este dinheiro a Portugal para se restaurar o throno da Sra. D. Maria II; compromettemos assim os nossos interesses financeiros, porque deveriamos pagar ao governo de Portugal no caso de que naõ triumphasse a causa da rainha: alem disto, arriscamo-nos a uma guerra com o governo de Portugal, por isso que prestavamos auxilio desta naturesa a seus inimigos. Restaurou-se o throno da Sra. D. Maria II; podia o seu governo queixar-se, se o Brasil dissesse:—estas quantias todas devem ser abonadas na divida do emprestimo á praça de Londres?—O governo portuguez diria:—Vós tendes deixado de pagar o emprestimo; como tendes mais credito do que eu na praça de Londres, contrahi um emprestimo, ou arranjai-vos com os credores delle.—Mas naõ procedeu assim, e o nobre senador plenipotenciario, que assignou a convenção, disse que Portugal perdeu muito!—Naõ fomos nós que perdemos? naõ era á nós que o governo de Portugal devia pedir que pagasse-mos o emprestimo como nos tinhamos obrigado pelo tratado de 1825? como foi Portugal fazer estas transacções na praça de Londres sem nossa audiencia?!...

O Sr. Lopes Gama dá um aparte que não se percebeu.

O Sr. Vasconcellos:—Sr. presidente, eu naõ quero descer muito á analyse dos algarismos; mas protesto fazel-o na terceira discussão.

Entendo mais que naõ se devia ter celebrado esta convenção, sem que primeiro Portugal habilitasse o seu ministro nesta corte com as instrucções necessarias para se liquidar a divida de governo a governo. Os nobres plenipotenciarios que fiseraõ a convenção dizem:—Naõ, porque isto complicaria uma divida inquestionavel, liquida, com uma divida que naõ se poderá liquidar senaõ depois de muitos annos—. A este respeito, eu posso responder com a mesma convenção, porque os nobres plenipotenciarios liquidaraõ dividas diversas, como da conducçaõ de tropas para a ilha Terceira, da ilha Terceira para aqui, e daqui para a Europa, etc. Pois entaõ naõ se pôde nessa occasiaõ liquidar quanto nós deviamos a Portugal pela conducçaõ das tropas a Montevidéo, e para fornecimento das tropas na Bahia?! Se isto se pode faser, por que naõ se liquidou tambem o que Portugal nos devia por transporte de tropas?

Mas eu naõ censuro aos nobres plenipotenciarios por naõ terem feito isto, porque entendo que naõ é objecto em que os plenipotenciarios devem ter a iniciativa, devem cingir-se as instrucções.

Eu disse hontem que naõ conhecia plenipotenciario responsavel; porque, se for accusado um acto meu, como plenipotenciario, heide deixar a defesa ao ministerio que me deu as instrucções, salvo quando elle me disser—explique-se—; aliás poderia até compromotter a causa ministerial. Naõ quero dizer com isto que um plenipotenciario, que tem de desempenhar seus deveres a grande distancia, naõ seja responsavel; pois aquelle que faz um tratado no lugar em que está o seu ministro, que se suppõe que todos os dias lhe vai communicar o estado da negociaçaõ, e que taes saõ as intenções dos negociadores, este plenipotenciario é responsavel?!... Eu penso que naõ; ao menos desejava que se me apontassem os principios de direito que tornaõ responsavel um tal plenipotenciario.

Sr. presidente eu naõ pretendo diser mais palavra nesta discussaõ sobre este objecto, porque naõ faço opposiçaõ ao governo. Naõ posso porem deixar de emittir a minha opiniaõ em materias como esta, porque eu reprovei estes actos, naõ só como deputado, isto é, como funccionario publico irresponsavel, mas como ministro. Assim tenho feito a minha obrigaçaõ.

(*Da Sentinella.*)

DIARIO DE PERNAMBUCO.

O discurso do Sr. Deputado Peixoto de Brito pronunciado na Camara na sessão de 20 do passado, e continuado no *Diario do Rio de Janeiro* foi com avidez transcripto no *Diario Novo* n. 146; sentimos porem não poder formar a seu respeito o mesmo juizo, que faz o *Diario Novo*, de que nelle se achão expostos « o estado calamitoso do Brasil e os meios que existem para salva-lo. » Deploramos de coração, que o representante de Pernambuco tomasse idéas tão extremas, e collocando-se em uma opposição abandonada se desligasse de todo o systema politico; e não menos que desse lugar a lhe ser retirada a palavra por decisão do Presidente e da sua camara, e a esse tumulto que nos refere o *Jornal do Commercio* n. 166.

Parece que o Sr. Peixoto de Brito tinha animo muito deliberado de sair da ordem na Camara dos Deputados: e se lhe fosse licito e aos outros seus collegas discorrer tão fora da materia em discussão, e impugnando um artigo do orçamento da receita ácerca da ancoragem derramarse sobre o estado do Brasil, suas causas, meios de melhora-lo e erros de seus Ministros, não seria mais possivel haver discussão regular, tudo seria desordem e confusão no Parlamento, que sem poder dar um passo, se acharia inuti-

lisado, suffocado o systema Representativo, com triste exemplo da loucura dos homens.

O representante da Nação póde denegar quaesquer meios ao Governo em cujos Membros não tem a necessaria confiança de que os appliquem em beneficio do Estado, fundar nessa falta de confiança o seu voto, e dar mesmo algumas explicações mais particulares em relação ao objecto de que se trate; porem aquelle que tem proposito de mostrar os erros de uma administração, retirando-lhe seu voto, e levantar assim na representação Nacional uma questão de vida, ou morte, de absolvição, ou condemnação de um Ministerio, e de salvação ou abismo para o Estado, não se deve fiar sómente nas suas idéas, e pretender que ellas sejão abraçadas sem exame, nem tambem apresental-as só pelo desejo de fallar sem resultado, sem procurar dar-lhes triumpho e convencer os espiritos. É por isso seo dever procurar uma discussão regular, em que todos se possão ouvir e pronunciar, entrar em um combate leal, e não arrojar idéas tão altas em uma discussão muito fóra de proposito, sem prevenção da parte dos que tem pensamento diverso, e sem que mesmo seja possivel sem perturbação completa dos trabalhos aceitar a luva. A timidez, ou a suffocação e o esquecimento da tactica parlamentar sómente podem levar a tão irregular procedimento. O Sr. Peixoto de Brito se queria entrar em tão vasto campo e ajustar com lealdade sua lança com os que tem diverso pensamento devia provocar para esse fim uma discussão especial segundo os estilos dos Parlamentos; apresentasse um requerimento ou indicação, proposesse uma deliberação ou votação, mesmo um voto de reprovação e censura, em que tivesse occasião de desenvolver os seus pensamentos, e disputar em terreno descoberto; então poderia a nação ganhar alguma cousa, conhecer-se-ia de que parte estava a razão, apreciar-se-ião suas idéas, e a politica actual ou se mostraria digna da nação, e capaz de beneficial-a, ou seria reduzida a abandonar o campo á mais bem combinado pensamento.

Isto pelo que toca a maneira e occasião da discussão, agora examinemos qual fosse o pensamento politico do Sr. Peixoto de Brito: é força confessar, que no seo discurso nenhum transluz. Que o Brasil ainda não sahio do estado difficil e laborioso em que se acha desde 1822, e que em quanto por um lado melhora a sua sorte, e dá esperanças de progresso, por outro os negocios se complicão e tomão uma face horrorosa é o que todos sabem, e não era mister esforço para o mostrar. Porém este estado, resultado das oscillações de um Paiz novo na vida social e politica não foi explicado nem comprehendido por esse discurso. Que o Brasil tenha um exercito capaz de «servir de modelo a Europa», que estinga a sua divida e acabe o papel moeda dentro de 5 annos; que tenha uma legislação sabia e adequada, – que seja livre da fraude da prevaricação, do patronato e da ignorancia, — que adquira toda a importancia para com as nações estrangeiras, – que domine na America, e não se dê um tiro no Rio da Prata sem sua licença –, que dentro de um anno goze plena paz e tranquilidade, terminada a rebellião do Sul, e suffocado o espirito de desordem em toda a parte – em fim, que seja feliz, todo o Brasileiro o deseja. Mas os meios de conseguir tão elevados bens são o ponto da difficuldade, e o Sr. Peixoto não os poz patentes. Parece ter as chaves da Cidade de «Manoa» Capital do «Eldorado», possuir a verdadeira pedra philosophal, ou alguns desses aneis das Fadas, com que tudo podesse pôr a seo desejo, porém humanamente nada mostrou como poder-se-ia obter; nem ao menos nos adiantou a mais pequena esperança, de que entrassemos no caminho de tantos beneficios. O estado do Brasil longe de ser calamitoso seria bem rizonho, se tão a mão se achasse o remedio para a sua prosperidade, que não poderia já mais ser embaraçada pela ignorancia ou pela sordidez.

«Todos os governos passados e presentes parecem apostados para banir de nossa terra o senso commum: é uma verdadeira crusada contra a honra, o bem estar, a riqueza e a prosperidade do paiz.» Eis o desengano do Senhor Peixoto de Brito, que não devera admirar-se nem pensar de outra maneira quando, depois de haver dito, que «ainda possuimos alguns homens, ainda que poucos eminentes em virtude e saber, no meio da degradação quasi geral.» estabelece que «em 22 annos d'administração não tivemos uma capacidade acima do commum do mais ordinario quilate.» Assim o Sr. Peixoto de Brito não teve nem tem systema, nem principios adoptados no Brasil, a que se ligue; vendo muito de alto todas as administrações, e na impossibilidade de intentar a accusação de cada uma de per si ira-se cheio de desdem contra todos, e só em si confia. A sua questão é inteiramente individual, vai ainda adiante do Sr. Rebouças, que ao menos apoiava em parte os homens de Julho, e em parte os de Setembro, por isso não tem de estabelecer principios, nem systema governativo, nem de analysal-os tambem; lança os olhos sobre os resultados das administrações até aqui, apresenta em linda perspectiva, tudo o que era capaz de realisar, sem outra linha de limites, mais que o possivel absoluto, e então só faltou-lhe ser consequente em um ponto – ácerca da unidade de pensamentos, por quanto o seo pensamento é individual, depende da força propria, e só poderia achar unidade no do Monarcha, que dando-lhe sua inteira confiança a elle só outorgasse o governo do estado.

O Sr. Deputado Peixoto de Brito commetteo um grande erro, e nós que o lamentamos não levamos tenção de fazer a analyse do seo discurso; considerando-o sómente em duas relacões mais geraes, entendemos não só que elle é destituido de todo o resultado ou influencia benefica, como o julgamos um verdadeiro desservico á causa publica. O Povo não pode aquilatar devidamente tudo, que nesse discurso se diz; no entretanto o scepticismo, que nos desalenta e corroe se desenvolve e dilata, e a desconfiança de todas as instituições, e de todos os homens ganha forças em quanto por outro lado as grandes palavras de ventura d'esse discurso enchendo e inflamando as imaginações sómente servirão de animar a reluctancia contra os poderes do estado. Com toda a força condemnâmos as ultimas palavras do Sr. Peixoto de Brito na Camara dos Deputados despeitoso pela votação, que o julgou fóra da ordem. As Provincias do Norte não tem de cuidar em si, já estão muito cançadas e desenganadas de tantas discussões irritantes vagas e infructiferas, e incumbindo aos representantes da nação de cuidarem dos seos interesses em commum com os de todo o Imperio, só na sua união vêm principios de força, de progresso e felicidade: só querem com o desenvolvimento das nossas instituições a consolidação da paz publica, sem o que todos os direitos e todas as vantagens serão precarias e sem valor.

Variedade.

O CARAPUCEIRO.

O NÃO SEI QUE.

O que será, em que consistirá esse *não sei que*, em que tanto se falla? Será alguma qualidade occulta dos Peripateticos? Serão os principios de atração, e repulsão, que tem lugar assim no fizico, como no moral? Será alguma feiticaria, em que muita gente crê? Tudo ignoro a este respeito, entre tanto que a cada passo estou ouvindo citar a auctoridade do *não sei que.* Vive D. Mariquinhas embellezada de um sujeito, que he o proprio Bertoldo, feio, mal amanhado, grosseiro, e tolo: e de que se namorou esta menina? Não se pode explicar o fenomeno, se não dizendo, que foi o *não sei que*, e isto diz tudo.

Quantas vezes vemos uma bella senhora, cheia de encantos, e de graças esposada com um satyro brutal, e nojento, que só parecia, devèra casar com alguma das Parcas! E o que mais he viver mui satifeita com elle! He por que o tal simi-capro tem o seu *não sei que*, e he quanto basta. A Mythologia, que ás vezes encerrava muita moralidade, nos diz, que Venus a mais formosa das deosas desprezou todos os agrados do proprio Jupiter para namorar-se de Vulcano, que além de desforme era cocho, e sempre tisnado; porque trabalhava na forja: finalmente deixou de aceitar os amores do primeiro, e do mais bello dos deoses para se enfeitiçar d'um ferreiro! E que outra rasão podia haver, se não o mysterioso *não sei que*?

Por outra parte que espantosas proezas nos não refere do famoso Hercules a Historia dos tempos heroicos! Elle desqueixou o Leão de Neméa, matou a hydra de Lerne, subjugou o porco de Erymantho, agarrou a corsa de pés de bronze, livrou a Arcadia das funestas aves do lago Stymphale, domou o famoso Minotauro, tomou os ferozes cavallos de Diomedes, e os bois de Gerião, apanhou os pomos do jardim das Hesperides, arrancou a Theseo dos infernos, exterminou os Centauros, tirou do orco ao Cerbero, donde tambem subtrahio Alceste, livrou a Hesione do monstro, que ia devoralla, e a Prometheo do abutre, que lhe róca as entranhas, aliviou a Atlas, que accurvava sob o pezo do Ceo, que lhe estava nos hombros, e separou as duas montanhas, chamadas ao depois columnas d'Hercules. Teve innumeras amantes, de quem sempre zombou; mas a final veio a ficar pateta por Omphale, que até o poz a fiar no meio das suas damas; e porque? Por que nella encontrou o tal *não sei que*, nem d'outra sorte se pode perceber a rasão suficiente de tanta degradação.

Faltarião lindos, e graciosos amantes á casta Diana? Certamente, que não: mas só um lhe deo no goto, como se costuma dizer, só Endemião lhe cahio em graça, e não foi, se não por causa do fatal *não sei que.* Todos admirão, todos pasmão de ver a paixão, que D. Aninha mostra por certo marmanjo. Ella he joven, he linda, espirituosa, e engraçada: e elle? Tem uma cara abominavel, he pernilongo, tem um par de pés, que parecem duas alvarengas, e além disto não abre bocca, que não solte um chorrilho de parvoices: mas assim mesmo D. Aninha vive tão namorada deste francatripas, que por elle despreza os mais bellos, e pentiparados Adonis, que á porfia a requestão: e não há outro motivo, se não o *não sei que*.

Houve aqui antigamente uma menina tão formosa, e pretendida, que bem se podia chamar a moderna Elena, por amor da qual houve alguma cousa, que se parecia com a guerra de Troia; porque os mais guapos, e briosos gamenhos desses tempos por ella tiverão desafios, e muitas vezes baterão-se furiosamente. Era a joven tão soberba, e desdenhosa, que para todos olhava com senhoril indifferença, e nem um riso afagador se dignava repartir com os miseros padecentes, de maneira que já era proverbial a esquivança dessa deosa. Por mal de peccados foi morar defronte della um mestre de meninos horrivelmente feio, e além disto entrevado. Este Vulcano tocava violla, e teve o arrojo de se fazer querido da moça. Nos Domingos, e dias Santos, e mormente em noites de luar fazia arrastrar para a janella o espreguiceiro, em que jazia encarquilhado, e punha-se a zangarrear na banza horas esquecidas. Quem imaginaria, que aquella deidade tão esquiva, e orgulhosa fizesse o menor caso desse pateta estuporado? Pois fez, e mais que fez, e tanto se embellesou do *não sei que*, que por elle sofreo grandes trabalhos, e afinal veio a dar-lhe a mão d'esposa!

Com muito acerto figurava a Mytologia menino, e cego a Cupido, deos do amor; menino por seus devaneios, e extravagancias, cego por que não attende à rasão, dá por paos, e por pedras, e muitas vezes não se determina, se não pelo tal *não sei que*, que ninguem he capaz de conhecer, nem explicar. Não pensem os jovens mais bem apessoados, e garridos, não imaginem os homens mais espirituosos, e de melhores maneiras, que com todas estas prendas estão habilitados para conquistar corações feminiz: não; por que muitas vezes de nada valem taes predicados, se lhes falta o indecifravel *não sei que.* Assim tambem não se desgostem os Faunos, os Pans, os simicapros, os Tersites, os Esopos, e Bertoldos de haverem sido tão maltractados da natureza; por que apezar de todos os seus defeitos podem possuir o *não sei que*, e virem a cahir em graça ás mais encantadoras beldades.

Não se entenda porém, que esse segredo do *não sei que* só foi partilha do bello sexo: nos homens tambem o encontramos, como nos mostra a quotidiana experiencia. Quantos sujeitos aliás bem parecidos, e casados com senhoras bellas, e cheias de atractivos, abandonão-as, postergão todos os seus deveres, e vivem como embriagados por estupores indignos de toda a estima! Quantos deixão as senhoras lindas, e graciosas para se esperdiçarem pelas escravas? E como se pode conceber tal extravagancia, se não recorrendo ao enigmatico *não sei que*?

Vive D. Bellinha miseravelmente infeitiçada por certo jagodes, que parece uma caricatura. Parentas, e amigas lhe extranhão tanta extravagancia, e lhe dizem: que acha Você nesse bobo para o preferir a tão gentiz pretendentes? Não he elle feio, como um mono? Não he mal feito, e degeitoso? Não he grosseiro, e aparvalhado? Tudo será (responde em confiança a boa menina): conheço, que nada tem de formoso: mas descubro-lhe um *não sei que*, que me agrada, que me encanta, e para os meus olhos não ha homem mais amavel. E não ha, que se lhe retruque; por que se se aperta com ella, descarta-se de tudo com o sediço proloquio — quem o feio ama bonito lhe parece. —: e está decidida a questão.

Sera invencão minha quanto hei dicto a este respeito? Não haverão muitos, e muitas, em quem assentem como de molde estas carapuças? Entre-tanto não fallão senhoras, que se zangão dos meus escriptos, com quanto nelles se não encontrem, se não retractos generigos, e nunca as sempre odiosas alusões. Dizem, que tenho tomado a tarefa de desapreciar o bello sexo; o que he uma calumnia manifesta. Pelo contrario por que muito respeito, e estimo as senhoras, he, que as desejo ver purificadas de certos defeitos, de certas baldazinhas, &c. &c. As joias, que mais se estimão, são as que se querem sempre limpas, e com o seu brilho natural. Não ha muitos dias, que certa senhora rogou-me pragas horriveis, declamou contra mim, como um Cicero contra Verres, ou contra Catilina; por que o pai (que me faz a honra de ler, e aplaudir os meus pobres escriptos) affirmou-lhe, que nunca a deixaria ir a um só baile. «Maldicto Carapuceiro (exclamou ella enfurecida). Meu pai já ia quebrando por seu insuportavel rigorismo; já mostrava alguma tolerancia pelas modas, e bom tom: mas depois que entrou a ler o demonio do Carapuceiro, tem-se tornado cada vez mais carranca, mais austero, e impertinente a ponto de já haver declarado, que nunca hei de ir a nenhum baile. Semelhante papel não se devèra imprimir, nem publicar: arrenego do Carapuceiro, e de quantos delle dão fé.» Ora por vida minha que culpa tenho eu do excessivo escrupulo desse pai? Eu não sou tão rigorista, e intolerante, que reprove absolutamente os bailes, e outros passatempos honestos: o que reprovo sim he o excesso, ou o abuso; o que não posso deixar de censurar he, que uma senhora não cuide em outra cousa, se não em bailes, &c. &c. Parece-me, que estou na rasão.

Mas o Carapuceiro (dizem algumas) vive clamando contra as modas. Tambem he isto uma calumnia; por que o Carapuceiro só tem reprovado, a exageração, ou a extravagancia das modas. Aqui ha alguns annos, por ex., andou muito em voga a dansa intitulada o galope; e em verdade achei extravagante, que damas, e cavalheiros folgassem de arremedar um dos passos proprios das bestas, além de que parece-me, que essas dansas violentas só são toleraveis em paizes frios. Passou a tal moda do galope; e muito depois he, que apparece a exquisita moda dos cabrestos das senhoras. Fóra da extravagancia, e desrespeito de reduzir o bello sexo á condição dos cavallos, eu descubro nisto um anacronismo; por que a epocha dos galopes devia ser, quanto a mim, a epocha dos cabrestos. E quanto não he indecoroso o andarem mocamas por essas lojas Francezas perguntando — tem cabrestos de senhoras? — E que culpa tem destas cousas o Carapuceiro?

Reconheço, que o mundo a este respeito sempre foi assim pouco mais, ou menos; mas tambem sempre houve quem descarregasse o azorrague da satyra nos usos, costumes, e modas extravagantes da seu seculo Ah! Quam distante está o pobre Carapuceiro d'um Juvenal, d'um Marcial, d'um Luciano, d'um Erasmo, d'um Horacio, d'um Boileau, d'um Jouy, d'um Pigault-Lebrun, d'um Le-Sage, d'um Cervantes, d'um Gaspar Gozi, d'um J. B. Casti, d'um Garção, d'um Nicoláo Tolentino!

Se em vez d'um pequeno artigo eu tomasse a tarefa de compor uma extensa disertação a respeito do tal *não sei que*, talvez podesse provar, que este he o principio, ou a rasão sufficiente de muitos fenomenos moraes, de muitos successos espantosos, de muitas contradições do espirito humano: nem outra explicação plausivel se pode dar á pertinacia, com que nós, alias tão instruidos pela luz da Fé, obrando o contrario do que cremos, caminhamos a largos passos, e alegremente para o inferno. Com effeito se he verdade como diz Aristoteles, que o Soberano Bem he a cousa, por que todos fazemos o maior empenho, parece, que ha no inferno um *não sei que* de atractivo, que torna-se para a mór parte dos homens o seu summo bem. A Historia até nos diz, que sujeitos do maior saber, e heróes conhecidos por taes nem sempre esperárão, que a morte os viesse subtrahir ao mundo; pois prevenirão este indefectivel acontecimento com uma morte voluntaria só para se arremessarem mais de pressa no inferno. Assim o praticou Saul o primeiro Rei dos Hebreos, não obstante ser ungido do Senhor: assim se descaptivou da vida o famoso Judas Iscariotes, que desesperado por haver atraicoado, e vendido a seu Divino Mestre, suspendeo se d'um laço á maneira de negro novo. O mesmo gosto pouco mais, ou menos teve o celebre Poncio Pilatos, cujo nome posto no Symbolo dos Apostolos não se delirá jámais da memoria dos homens, em quanto existir sobre a terra o Culto do Homem Deos.

Que outro principio, differente de *não sei que*, levou ao suicidio muitos simi-deoses, heróes, e os maiores homens da Antiguidade profana? O que succedeo ao precitado Hercules, um dos maiores maganos dessas eras? Dejanira, penultima das suas predilectas, tendo por noticia, que elle fora-lhe infiel roubando a bella Jola, com quem se passára para a ilha de Eubéa, mandou-lhe uma camisa tinta no sangue do Centauro Nésso, crendo dest'arte acender-lhe o amor de seu marido: mas apenas Hercules a vestio, entrou em tal furor, que não póde acalmar, se não arremessando-se á fogueira, que elle mesmo atiçára com suas proprias mãos.

Pelo mesmo *não sei que* suicidárão-se Ajax, Temestocles, Annibal, Mitridates, Mario, Bruto, e Cassio, Catão, Nero, e outros muitos: e o mais he, que até filosofos cedêrão ao poderoso predominio do *não sei que*, arrancando a vida a si proprios, como o referido Aristoteles, Calano, Cleombrote, Empedocles, e Aristarco. Até no sexo amavel encontrão-se exemplos de suicidios, ou provas do inestricavel mysterio do *não sei que.* Taes forão a illustre, e encantado-

ra Dido, a infeliz Jocasta, a pudibunda, e casta Lucreica, a desgraçada Amate, a bella, e galante Cleopatra, a fiel, e ternissima Porcia, a admiravel, e heroica Arria, e a famosa Sapho, &c. &c.

O principio do *não sei que* estende-se ainda às cousas mais usuaes da vida; por que quantas vezes sem molestia conhecida sentimo-nos encommodados, e se nos perguntão o que padecemos, logo nos occorre em resposta o tal *não sei que*? A cada passo ouvimos dizer — Sei, que fulano he feio, anda mal trajado, &c.; mas tem *um não sei que*, que me leva a gostar delle, a pezar de todos os seus defeitos. Reconheço a extravagancia (diz D. Chiquinha) de um homem querer imitar as barbas d'um bode: porém acho *um não sei que* nas do joven Quinquim, que muito me satisfazem. Já houve finalmente um sujeito, que extremosamente se apaixonou por uma moça, que era caraôlha; e francamente confessou, que nesse mesmo defeito encontrára um *não sei que* de gracioso, que fora o que mais o seduzira!

A sociedade de Medicina de Pernambuco.

De quantas associações se tem por aqui creado nenhuma me parce tão util, tão digna da geral estima, como a nossa Sociedade de Medicina. Compõe-se ella dos mais peritos Facultativos, e envida todos os seus esforços por promover o importantissimo negocio da saude publica.

Quanto não he respeitavel esta Sociedade, que em seus regulamentos tem estabelecido, que um de seus illustres socios semanariamente dê audiencia aos pobres, ouça a exposição de suas enfermidades, e os receite de graça? He de advertir, que todos esses Srs. Facultativos são a toda a hora procurados por pessoas abastadas, e tem muitas casas de partido, a que accodir. Todavia abrem mão de seus lucros para soccorrer, cada um por sua vez, a humanidade indigente, e que padece em sua saude. Honra a tão dignos cidadãos, a homens, que tão nobremente sabem exercer actos de tão bem entendida beneficencia.

Além destes importantes serviços a Sociedade publica um Periodico sob o titulo de — *Annaes da Medicina Pernambucana* —, em o qual apresenta luminosas disertações sobre as enfermidades indemicas do paiz, suas causas, seus diagnosticos, e os recursos therapeuticos, de que se deve lançar mão, e bem assim os meios de estabelecer a hegiena publica. A utilidade de taes escriptos não ha mister ser demonstrada pela minha fraca penna. A saude he um bem de primeira ordem, que a todos toca, a todos enteressa; e por isso julgo mui apreciaveis os folhetos Periodicos da nossa Illustre sociedade de Medicina.

COMMERCIO.

Alfandega.

Rendimento do dia 14.......... 5:122$453

Descarregão hoje 15.

Escuna — *Ariel* — fazendas, farinha de trigo, cravo, canella, e bolaxinha.

Brigue — *Laura* — fumo, manteiga, banha de porco, farinha, e cebolas.

IMPORTAÇAÕ.

Ariel, pataxo Americano, vindo de Philadelfia, entrado no corrente mez, consignado a Matheus Austin & C., manifestou o seguinte:

61 fardos d'algodãosinho lizo, 23 ditos dito entrançado, 13 caixas dito dito, 21 ditas dito azul, 13 ditas de riscados, 18 ditas com canella, 2 barricas com cravo da india, 424 barriquinhas bolaxinhas, 872 barricas farinha de trigo, 1 embrulho taboinhas para varanda, 1 barril azeite de espermacete, 100 prezuntos; aos consignatarios.

Movimento do Porto.

Navio sahido no dia 13.

Liverpool; brigue inglez *Maypo*, capitão Roberto Fulton carga assucar.

Entrado no mesmo dia.

Cette; 45 dias, polaca sarda *Dario*, de 167 toneladas, capitão James Bonsignore, equipagem 11, carga vinho, massas, e &c.: ao capitão.

Sahidos no dia 14.

Rio de Janeiro; patacho brazileiro *Affonso* 1.°, capitão José Antonio Martins Junior, carga diversos generos.

Rio Grande do Sul; brigue escuna brazileiro *Izabel*, capitão Joaquim Antonio Gadré, carga assucar, &c.

Bahia, e Monte Vidèo; hiate americano *Rummer*, capitão Alexandre Hall, com a mesma carga que trouce de Philadelphia.

Editaes.

= Pela thesouraria das rendas provinciaes, em cumprimento de ordem superior se ha de contractar no dia 7 d'agosto deste anno o alcatroamento de todas as madeiras da ponte do Recife, orçado em Rs. 1:638$593 sob as condições publicadas no Diario n. 141 de 4 de julho. A discripção da obra poderá ser examinada na repartição das obras publicas pelos concurrentes, que deverão dirigir á thesouraria as suas propostas com antecedencia em cartas fechadas, que serão abertas no dia aprasado.

Declarações.

—Cartas seguras na administração do correio vindas do Rio de Janeiro, para os Srs. Carlos Martins de Almeida, e José Francisco Belem.

Avisos maritimos.

—Para o Aracaty segue com brevidade, por ter parte de seu carregamento prompto o patacho nacional *Laurentina Brazileira*, forrado e pregado de cobre; quem no mesmo quizer carregar, ou ir de passagem dirija-se ao seu proprietario Lourenço José das Neves, na rua da Cruz n.° 64, ou ao capitão do mesmo Antonio Germano das Neves.

—Para a Bahia o lanchão *Bom Jezus dos Navegantes*, mestre Joaquim Francisco da Costa, a sahir com brevidade; para carga trata-se com o mesmo mestre a bordo, ou com J. Saporiti.

—Para o Rio de Janeiro, com escala pela Bahia a sumaca *Carolina*, capitão Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha, recebe carga para os dous portos, tendo no ultimo de demora tão somente o tempo necessario para a descarga, recebendo igualmente escravos a frete, e passageiros, para o que tracta-se com o seu consignatario Joaquim Baptista Moreira, no seu escriptorio na rua d'Apollo, ou com o capitão a bordo.

Leilaõ.

— O corrector Oliveira fará leilão por conta de diversos, e por todo o preço, de um esplendido sortimento de fazendas inglezas, francezas, e suissas as mais proprias d'este mercado, algumas recentemente despachadas: terça-feira 18 do corrente as 10 horas da manhãa, em ponto no armazem da casa de sua rezidencia, primeiro andar.

Avisos diversos.

O ARTILHEIRO N.° 62.

Sahio hoje à luz, e vende-se no lugar do costume. Contem o seguinte:
Resposta ao Carapuceiro n. 42.
Estado presente do Brasil.
Delirios do Indigena.
Tradução dos versos do Cometa n. 9.
A Viola de Lereno.

—Offerece se um homem bom cozinheiro, para qualquer casa ingleza, pois tem bastante pratica; quem o pretender dirija-se ao beco Largo n. 23 das 4 horas em vante.

—Precisa-se de um official de sapateiro, que seja bom, porem cativo; quem o tiver annuncie, ou dirija-se a rua do passeio publico tenda de sapateiro.

—José Antonio Ribeiro Alves retira-se para fora da provincia.

—Uma pessoa se offerece para ensinar em algum engenho, ou sertão as primeiras lettras, e principios de latim, e francez; a quem convier annuncie, ou dirija-se à rua do Rangel n. 34.

Srs. Redactores.

Com o incluso — Nós abaixo assignados — a que se refere o auto de exame, que os Srs. Antonio da Silva & C.ª tiverão o trabalho de mandar publicar no seu jornal, o *Diario de Pernambuco* n. 149; fica destruida a gigantesca idéa, que os ditos Srs. Silva & C.ª proposérão inculcar sobre as palavras do mesmo exame — a data do anno está VICIADA —; por que suposto o ultimo algarismo da referida dacta — 1830 — contenha um borrão na parte inferior da cifra, e do lado direito d'ella um risco; toda-via salta aos olhos, lendo-se o indicado nós abaixo assignados incluso, no corpo do qual está sem vicio a dacta de — 1830 —; e lendo-se o recconhecimento do tabellião feito em 13 de que mostre falsificação; por que não havia para que fazel-o, e que o tal — VICIADA — escripto assim com letras grandes por os Srs. Silva & C.ª no inserido auto, no citado Diario, não passou de mero accidente da penna do escriptor, tanto assim, que os tabelliães examinadores não apontárão, como era muito do seu dever a natufevereiro de 1830, que nenhum vicio existe, reza do vicio, e só na imaginação dos Srs. Silva & C.ª podia tomar tanto vulto; por que S. S.ªs só pensão, e só imaginão em cousas grandes e vultosas. Para que, pois, as pessoas que lêrão o sobredito Diario apreciem a publicação a que me refiro, rogo-lhes o favor de dar tambem publicidade á presente, e ao incluso nós abaixo assignados, com o que muito obrigarão ao seu

Assignante

S. C. em 13 de julho de 1837. *Antonio Gomes Villar.*

Nós abaixo assignados attestamos debaixo de juramento a ser preciso, que todos os Negociantes desta Praça vendêrão sempre por costume, e uso mercantil d'ella, aos logistas, quer por conta de livro, quer mesmo por letras metade prata, e metade cobre, que na occasião dos pagamentos recebião em moeda de cobre com o agio de 2 p. % sobre a prata, e isto mesmo nas cobrancas de letras, costume este, que durando até 1830 d'ahi em diante foi alterado, pois que tudo de então para cá se vende, e paga em moeda de cobre. Recife 13 de Fevereiro de 1830. — João Vieira Lima. —Por Manoel Mathias de Freitas, Antonio Rodrigues Vieira. — José Joaquim da Costa Leite. — Antonio da Costa Guimarães. —B. Lasserre & C. —W. E. Smith. —Jones Wynnes. —Stuwart Brothers. — Johnston Pater & C.ª - Por Mansfield Bradr & C.ª, John Brindsley Fox. - José Francisco Marinho. — Bernardo Fernandes Vianna. — Caetano José de Siqueira. —José Gomes Leal. - Antonio Ferreira Alves. — João Nepomuceno Barroso. — Antonio Annes Jacome. — Antonio Pedro das Neves. —Antonio José de Bem. - N. O. Bieber & C.ª —Antonio Teixeira Lopes. - Antonio da Silva & C.ª —Caetano Pereira Goncalves da Cunha. — Manoel Pereira Rozas. - João Pedro Adour. - João José da Cruz.

Reconheco verdadeiros os signaes retro, e supra. Recife 13 de fevereiro de 1830. Em testemunho de verdade. — O tabellião publico, *Manoel Antonio Coelho de Oliveira.*

—Quem precisar de uma ama de leite, parda, procure na rua Nova n. 63.

— A pessoa que annunciou no *Diario* de 14 do corrente se querer arrumar em alguma casa de negocio; dirija-se a rua da Cruz do Recife n.° 62, que se lhe dezeja fallar.

= Continua-se a tirar passaportes para dentro do Imperio, e despachão-se escravos, tupo com brevidade; trata-se no Atterro da Boavista, loja n. 41, ou 48, com Antonio da Silva Guimarães.

— Aluga-se o primeiro andar de um sobrado com bastantes commodos, na rua do Crespo n.° 10; a tratar na loja da viuva Cunha Guimarães, ou no 3.° andar do mesmo.

— Maria Joaquina de S. Thomé professora publica substituta das cadeiras de primeiras lettras de meninas desta praça, ensina particularmente ler, escrever, contar, arithmetica, e diversas qualidades de costuras, tambem recebe em sua casa algumas meninas, e meninos de pessoas, que morão fora da cidade, ou que morando nella as queirão confiar a sua educacão, quem pretender utilisar-se de seu prestimo; dirija-se a rua Direita n. 64 primeiro andar.

= Johnston Pater & Companhia avisão aos Srs. de engenhos e correspondentes dos mesmos nesta praca, que se acha completo o seu estabelecimento de machinismo para engenhos, constando de moendas de diversos tamanhos, machinas de vapor, de condesação e de alta pressão da força de quatro e de seis cavallos inglezes, e taxas batidas e coadas, e promettem agradar aos seus freguezes tanto em preço como em qualidade, visto serem todos estes objectos feitos n'uma das principaes fundicões de Inglaterra: rua da Madre de Deos n. 5.

— Na rua da travessa dos Quarteis, se recebe roupa para lavar, e engommar com toda a perfeição, tanto de homem como de Sra., qualquer pessoa que se queira utilisar queira dirigir-se na mesma rua, casa n. 38, a fim de tratar com a pessoa que se encarrega d'este serviço.

— Ainda está para se alugar o segundo andar da casa n. 13 junto ao theatro velho, a qual offerece commodos para numerosa familia: trata-se do ajuste da referida no armazem da mesma, aonde tem deposito de agoa.

—O tintureiro que morava no Atterro dos Afogados mudou-se para o ecco da Bomba, aonde tem um retablo, e continua a tingir de todas as cores e todas as qualidades de fazendas, tudo por preço commodo e com perfeição.

GALERIA DAS ORDENS RELIGIOSAS E MILITARES,

Desde a mais remota antiguidade até aos nossos dias, com estampas illuminadas, &c. &c.; para darmos uma idea deste excellente jornal impresso no Porto, parece-nos que será sufficiente sómente transcrevermos em resumo o fim a que se propõe o mesmo jornal. Temos em vista publicar o que forão as ordens religiosas e militares, de um e outro sexo, como se fundarão; como se dividirão e ramificarão, quaes os fundadores, que vida vivêrão sobre a terra, de que virtudes se adornárão, com que boas obras illustrárão a religião e a humanidade, &c. &c. As pessoas que quizerem assignar para o mesmo jornal, a razão de 8$000 rs. por 24 numeros com 48 estampas illuminadas e 12 paginas cada numero, encontrarão 15 primeiros numeros na livraria da Praça da Independencia N.os 6 e 8.

= Precisa-se de 200$ rs. a juros pelo tempo de 6 mezes, com hypotheca em uma escrava de idade de 15 annos: na rua da Santa Cruz n. 56.

— Offerece-se para casa de homem solteiro, ou de pouca familia uma parda sem vicios, para todo servico de portas adentro, excepto engomar, e quem de seus servicos precisar annuncie a sua morada, ou dirija-se a rua da Guia n. 51.

— O abaixo assignado, por meio do presente annuncio faz sciente ao respeitrvel publico, que nidguem faça negocio com a casa da rua das Trincheiras n. 5 pertencente a Sra. Josefa Roza da Fonceca, sem que primeiramente não venhão entender com o abaixo assignado, para cuja entiligencia faz o presente: o mesmo abaixo assignado convida as pessoas que quizerem, que a casa do sitio do Exm. Senador Manoel de Carvalho Pais de Andrade no Corredor do Bispo, está para se alugar, a casa offerece muitos excellentes commodos para uma grande familia e com a vantagem de que tambem se arrenda algum pedaço de terra, ou tambem sem ella; a tractar com o abaixo assignado na referida casa.

Manoel da Cunha de Oliveira.

— Aluga-se um segundo andar do sobrado da praça da Boa-vista n. 22, com muitos commodos e sotão por sima, optima vista, proprio para familia; os pretendentes dirijão-se ao mesmo sobrado no 1.º andar.

— Na rua Direita sobrado de um andar n. 33, o pé do de dous andares que tem varanda de ferro dourada, acha-se uma parda forra para se alugar para faser o serviço de uma casa, e he de bons custumes.

— Deseja-se fallar com o Sr. Antonio de Amorim e Silva a negocio de seu interesse: annuncie sua morada, ou dirija-se a rua das Agoas-verdes n. 70.

— Pede-se aos Srs. administradores das loterias, que tenhão a bondade de quando as loterias estiverem correndo, mandarem pelos meninos, que estrahem as sedules das urnas, todos os dias, antes de dar principio a estração das sedulas, meter as mãos dentro das urnas para mexerem bem as sedulas; por quanto contentando-se só com o girar com as rodas, isto he o mesmo que zero, por que ficão sempre as sedulas na mesma posição, alem disso sendo as loterias um jogo, deve-se evitar tudo, que dê occasião à mais pequena suspeita, e com quanto se conheça a honradez desses senhores, com tudo podem pela sua boa fé deixar de providenciar certos casos imprevistos como por ex. de noite nas sallas onde estão as urnas trancadas, &c. Desta maneira acima exigida correrão as rodas da loteria da Matriz da Boa-vista, deixando à todos muito contentes pelas providencias, que se derão. *O desconfiado.*

= Offerece-se um rapaz portuguez para caixeiro de qualquer um engenho, ou outro qualquer estabelecimento fore desta praca; quem se quiser utilisar de seu pressimo dirija-se a rua larga do Rozario no 1º andar do sobrado n. 9.

= Perdeo-se uma carteira verde ja uzada na noite do dia 13 do corrente nas catacumbas da ordem 3.ª do Carmo na occasião de se deitar o corpo do fallecido Joaquim Ignacio na sepultura, contendo a mesma varios papeis que só podem servir ao dono pois que o mesmo tem prevenido tudo a semilhante respeito: a pessoa que achou, querendo restituil-a pode dirigir-se a rua estreita do Rozario botica de João Pereira da Silveira, que gratificará.

—- Lourenço da Costa Loureiro, alfaiate estabelecido na rua da Cadeia do Recife, roga aos Srs. que mandarão fazer ropa no anno de 1841 e 1842, hajão de as mandar buscar no praso de 15 dias, por estarem promptus; e como se estejão estruindo, declara que não se responsabeliza pelo seu estado; assim como não as mandando buscar no dito praso serão vendidas para seu pagamento.

— A pessoa, que deo noticia no engenho Tapera freguezia de Joaboatão, de se achar preso na Cidade do Icó um preto, fará o favor examinar se o dito tem os signaes seguintes; de nome Antonio, do gentio de Angola, ladino, com 20 annos de terra, representa ter 35 a 40 annos de idade, corpo regular, dentes acangulados, com um caroço pequeno a cima do embigo para um lado do estomago, pés rachados, andava vendendo pão para o lugar da Boa-viagem, levou vestido camisa de algodão da terra, ou estopa, e calças pretas velhas; veio da Cidade da Fortaleza Provincia do Ceará, no anno de 1838; e fugio a 22 de Novembro de 1842; quem delle souber dirija-se a praça da Boa-vista n. 28, casa da viuva Queiroga, ou no atterro dos Affogados n. 120.

= Quem precisar de um pianno em conta para qualquer pessoa aprender, procure na travessa do Queimado n. 3, primeiro andar.

= Da-se até a quantia de trez contos de reis a juros sobre hypothecas em predios livres; na rua do Cabugá n. 4; e na mesma se vende borzeguins de duraque gaspiados para senhora, sapatos de setim, e outras muitas fazendas por preço commodo.

= Quinta feira 13 do corrente desencaminhou-se um barril de manteiga, estando para embarcar no porto das canoas para Olinda, o qual ignora-se se seria furtado, ou levado pela maré; por isso roga-se a quem souber ou der noticias do mesmo, ou for offerecido o poderá apprehender e leval-o a rua da Senzala velha n. 100, será generosamente recompensado.

— J. B. C. Tresse avisa ao respeitavel publico e particularmente aos Srs. Thesoureiros, e pessoas encarregadas das Igrejas, que abriu uma tenda onde fabrica orgãos de todos os tamanhos para Igreja, com trombeta, clarim, cromorno, voz humana, e rouxinol; dito orgão, (que sendo ouvido, não tem aparecido aqui) á duas finas, a clavier, e a chave de realejo, para falta de organista, ou por falta de saber tocal-os, então se toca com a chave, como se fosse um realejo, obtendo a mesma voz de um orgão de Igreja, contendo nos cilindros, a missa, os hymnos para todas as festas, e dias sanctos do anno, tudo reunido na mesma obra; orgão para recreio de casas com machina tocando só a clavier e a cilindro, tudo reunido na mesma obra; realejos com tambor e trombeta para recreio de casas, com quadrilhas para dançar, pantalon, étté, poules, trenis finales, e valsas, outro realejo de todas as dimenções para Igreja, com a missa, e os hymnos, com a mesma voz de um orgão de Igreja; as pessoas que o quizerem honrar com a sua presença acharão ja em sua casa algumas obras promptas; tambem concerta os ditos instrumentos, e põe marchas novas; assim como compra orgãos e realejos ja usados: no atterro da Boa-vista, n. 3.

— Precisa-se de um homem, que saiba trabalhar em padaria: na praça da Boa-vista n. 10.

= Deseja-se saber nesta Provincia se existe a senhora D. Anna Joaquina Ferreira dos Santos, mãi do Tenente João Chrisostomo Ferreira dos Santos, cuja senhora julga-se ser viuva de um homem que foi administrador da Alfandega desta Cidade, isto a negocio de seu interesse.

— Continua-se a dar dinheiro a premio em pequenas quantias, sobre penhores de ouro; no patio do Paraiso, sobrado n. 8, segundo andar, de uma hora as duas da tarde.

— Precisa-se de um caixeiro Portuguez, que tenha pratica de venda, para tomar conta de uma; defronte do viveiro do Muniz n. 53.

— Precisa-se de uma pessoa, que saiba trabalhar de bahuzeiro; atraz do theatro armazem de madeira, ou mesmo que não saiba, querendo aprender tambem serve.

= B. Vicente Lasserre embarca para o Rio o moleque Jacó, que comprou ao Sr. Vicente José de Brito.

— O Sr. Antonio Ferreira Teixeira Carneiro queira dirigir-se a rua da Cadeia velha, loja n. 4, para receber uma carta vinda do Sul.

= O Snr. Dr., que ajustou uma mobilha na rua da Cruz do Recife, junto a Igreja do Corpo Santo, e deo de signal 20,000 rs., para aprомptar a dita mobilha para o dia 4 do corrente, haja de ir buscar no praso de 3 dias, e não o fazendo se venderá a outra qualquer pessoa, ficando o mesmo Snr. sem direito a requisição alguma, tanto nos trastes como no dinheiro do signal, visto que se aprompto u para o dia do ajuste.

— O despachante, que tem banca onde está o porteiro do Consulado, se offerece a quem lhe der embarcações para despachar, e agenciar os despachos de todos os generos, que ditas embarcações receberem a seu bordo poupando assim os trabalhos dos caixeiros dos seus bem feitores, que se podem empregar em outros serviços, o que he um puro signal de gratidão, e reconhecimento; e muito pode interessar aos Srs. Negociantes de quem espera proteção.

— **No dia 17 do corrente corre impreterivelmente a Loteria de S. Pedro Martyr de Olinda, fiquem ou não bilhetes.**

=A pessoa que comprou dois negros, e um moleque a Antonio Moreira da Costa Junior, ou mesmo que tenha comprado cada um de per si, dirija-se á rua Imperial n. 31 a fallar com Silvestre Joaquim do Nascimento a negocio de seu interesse.

=Pretende-se negociar por compra, ou hypotheca, uma parte que tem D. Marianna dos Passos Ferreira no sobrado de dous andares sito na rua da Guia n. 29, que tocou á mesma Sra. nas partilhas dos bens de Antonio Ferreira Duarte Vellozo, pelo presente annuncio previne-se a quem se julgar com direito a essa mesma parte por qualquer titulo, que annuncie para evitar questões e embaraços, no negocio, que se pretende effectuar, não podendo embaraçar qualquer outro negocio posterior, ou anterior, que não seja annunciado.

=O Sr. Antonio José de Souza, que exerceo o emprego de professor de primeiras letras em 1839 na cidade de Caxias, queira procurar uma carta vinda do Maranhão, em casa de Paiva & Manoel no porto das Canoas do Recife.

=A pessoa que por engano tirou uma carta do correio, vinda do Sul para José Maria do Amaral Cardoso, queira annunciar para ser procurada, ou leval-a á loja de miudezas da praça da Independencia n. 36.

Dinheiro a risco.

=A escuna americana *Laura*, arribada a este porto para fazer os concertos necessarios a fim de seguir o seu destino para a ilha de Santa Helena, precisa de mil e quinhentos patacões de prata para esse fim; quem quizer dar a referida quantia a risco, recebendo para sua segurança hypotheca no casco, carga e frete da dita escuna, dirija-se aos consignatarios L. G. Ferreira & C.ª

—O solicitador Caetano de Assiz C. Cosdem, mudou a sua residencia para a rua Velha; as pessoas que precisarem do seu prestimo dirijão-se á mesma rua n. 66.

—Offerece-se uma pessoa capaz para tirar passaportes, para dentro e fora da Provincia, e despachar escravos, e correr folhas; as pessoas que do seu prestimo precisarem dirijão-se á rua Velha n. 66, das nove horas da manhã em vante.

=Domingos Gonçalves Ferreira, subdito Brazileiro retira-se para o Rio de Janeiro no brigue *Indiano.*

= Aluga-se o primeiro andar e armazem do sobrado n. 4 da rua do Vigario; a tractar no mesmo.

= O abaixo assignado embarca para o o Rio da Janeiro o seo escravo pardo, de nome Feliciano — *José Jeronimo Monteiro.*

= Aluga-se a loja de um sobrado em uma das melhores ruas do bairro de S. Antonio, propria para qualquer estabelecimento, na rua larga do Rozario n. 33; na mesma vende-se a venda na esquina da mesma rua n. 52.

=Pedro Pereira de Brito subdito Portuguez retira-se para fora da Provincia.

=Aluga-se o terceiro andar da casa da esquina da rua do Rozario; na loja de ferragem defronte do beco da Congregação n. 30.

=João Hamilton, subdito Britannico, retira-se para fora do Imperio.

— Aluga-se o segundo andar do sobrado do atterro da Boa-vista n. 3, com commodos para familia; a tractar no mesmo.

— A pessoa, que tiver um preto, ou preta, que saiba vender na rua, e queira alugar, annuncie.

Compras.

— Comprão-se frascos de agoa de colonia em grandes e pequenas porções, vasios: na rua da Cadeia n. 15 loja do Bourgard.

— Compra se um alfinete de peito, de bom ouro, esmaltado com um diamante pequeno e sem feitio; quem tiver annuncie.

— Compra-se 3 ou 4 quartáos em boas carnes para carga, e 5 ou 6 cangalhas: na rua dos Coelhos, em casa de Joaquim Demeterio de Almeida Cavalcanti.

— Compra-se uma escrava preta, que saiba bem cozinhar, e engommar, para fora da provincia, ainda não sendo muito moça: no largo do Corpo Santo em casa de Manoel Ignacio de Oliveira.

= Manoel Caetano Soares Carneiro Monteiro, compra para a obra do Theatro Publico desta Cidade, 20 duzias de taboado de sedro de grossura de duas pollegadas, 30 palmos de comprido e um e meio de largo; 5 duzias de dito, de uma pollegada de grossura, de 30 palmos de comprido e um e meio de largo; 35 duzias de assoalho de amarello de 2 palmos de largo, e 30 de comprido; 5 duzias de costadinho de amarello de 2 palmos de largo e 30 de comprido; 44 duzias de forro de sedro de 30 palmos de comprido; 13 duzias de assoalho de louro de uma e meia polegada de largo e 30 de comprido; 42 traves de 30 palmos de comprido, e 6 pollegadas em quadro; 216 ditas de 20 palmos e 6 pollegadas em quadro; 4 ditas de 40 palmos de comprido, e 8 e 9 pollegadas de grossura, as qualidades dos travejamentos são as seguintes; sicupira, gororoba, páo ferro, angelim, louroti, páo darco, e jatobá.

— Comprаõ-se pés de limoeiros pequenos; na rua Augusta n. 58.

Vendas.

— Vende-se um sobradinho de 2 andares no patio de S. Pedro, com fundo até a rua de Hortas, construido com cal de Olinda, que torna as paredes fortes como uma pedra: na rua das Trincheiras n. 48.

— Vende-se por 150,000 rs. um negro ja velho, de nação Cabundá; na rua da Cadeia de S. Antonio n. 26.

— Vende-se uma canoa de conduzir agoa, que carrega 8000 rs., a 20 rs. o caneco; na rua de Apollo n. 32.

— Continua-se a vender pão de centeio, todos os sabbados as 4 horas da tarde, e os mais dias a toda hora, que se procure; na rua do Burgos n. 31, padaria de Carlos Deters.

— Vendem-se taxas de ferro coado, sortidas; ho escriptorio de Kenworthy & Brender á Brandis, na rua da Cruz n. 7.

= Vendem-se duas escravas de nação, engomão e cozinhão com perfeição; e um escravo de nação, para todo o serviço; na rúa Direita n. 3.

— Vende-se um bonito escravo de nação Cassange, de 22 annos, proprio para todo o serviço; na rua da Cadeia do bairro de S. Antonio n. 25, segundo andar.

— Vendem-se meias de seda preta de peso para senhora, e brancas e pretas para meninas de 5 a 12 annos, borzeguins de duraque com ponta de lustro para meninas, sapatos de bezerro para meninos de 6 a 12 annos, oculos de armação de tartaruga com astias de prata feitos em Lisboa, pentes de marfim de alisar de differentes gostos e tamanhos, ditos de fechar de marfim e chifre, facas de marfim e oço de fechar cartas, ligas de seda do Porto, meias e luvas de lãa para homem e senhora, caixas de tartaruga de Lisboa, linhas de marcar em miadas de Lisboa, cordões para borzeguins de homem e senhora, atacadores de espartilhos, apitos grandes de marfim, lenços de seda grandes de Lisboa, amendoas confeitadas, e grangea para enfeitar pasteis, latas com calda de tomates; na rua da Cadeia n. 15, loja do Bourgard.

= Vendem-se 10 traves de 33 palmos de comprido, de boas qualidades, e um enchamé de 36 ditos; na rua do Fogo n. 27.

— Vendem-se 3 pretas moças, cozinhão, engommão, e lavão, duas negrinhas de 14 a 16 annos, boas para serem educadas; 2 moleques de 10 a 12 annos para aprenderem officio; duas mulatas, uma dellas boa para tomar conta de uma casa, cozinha, engomma e lava; um pardo de meia idade, bom para trabalhar em um sitio; na rua de Agoas verdes n. 44.

— Vendem-se os seguintes livros todos novos e por preço commodo; as aventuras de Telemaco com estampas, 1 v.; Compendio da Doutrina Christã, 1 v.; Poesias do Malhão, 1 v.; Velho e Novo Testamento, 1 v.; Arte Poetica de Horacio, por Fonceca, 1 v.; Politica Religiosa e Moral, 1 v.; Primeiros conhecimentos, 1 v.; Accidentes da Infancia, 1 v.; Poemas, 1 v.; Dicionario da lingoa Portugueza, por Fonceca, 1 v.; na rua do Livramento, venda n 3.

— Vendem-se 4 páos de jangada, novos; na rua da Conceição da Boa-vista n. 4.

= No Recife rua da Cruz, escriptorio de José Antonio Gomes Junior, n. 23, se vende por preço commodo saccas com alqueire de farinha de mandioca feita na Moribeca.

— Vende-se na casa de cambio do Vieira no Recife, rua da Cadeia, loja n. 24, o resto dos bilhetes da loteria de S. Pedro Martir, que corre no dia 17 do corrente; assim como bilhetes de todas as mais loterias consedidas nesta Provincia, os quaes se trocão por qualquer premiado, e mesmo pelos do Rozario, que se achão embargados, estes com o competente disconto.

= Vende-se um palanquim de caixa pintada, e forrado a pouco; na rua do Crespo, loja n. 7.

— Vendem-se ricas lanzinhas para vestido de senhora, o mais moderno e do melhor gosto que tem vindo a este mercado: na rua do Crespo, loja n. 11.

— Vendem-se formas, e ferros para chapeleiro, e um chapeo chinez, por preço commodo; no patio do Hospital, venda n. 16.

– Vendem-se 11 cadeiras de jacarandá, o duas bancas de dito, tudo usado, e por preço commodo: na rua larga do Rozario, no primeiro andar por cima da loja do Sr. Lody.

= Vende-se uma casa terrea de tijolo e cal, quintal fechado, cacimba com boa agoa de beber, e bons commodos, perto do banho do Caldereiro; 364 palmos de terreno na rua do Cortume dos Coelhos, com muito fundo, que pode ter viveiro no mesmo; na rua larga do Rozario no terceiro andar do sobrado de 4 ditos.

= José Cordeiro de Carvalho Leite, vende dous escravos moços de nação, para o serviço de campo: na rua larga do Rozario no terceiro andar do sobrado de 4 ditos.

= Vendem-se pelles de pennas encarnadas, chegadas proximamente do Maranhão: na rua do Livramento n. 11.

=Vendem-se chales de lãa a 1000 rs., pannos finos pretos de boa qualidade a 3000, o covado, cortes de lanzinha modernos a 4500 e 6000, meias casemiras para calças a 480, lenços de seda ordinarios a 320 e 1000 rs., superiores peças de bretanha de linho mui finas a 3600 com 6 varas, brim trançado escuro todo de linho a 480 a vara, os mais modernos cortes de cassa pintada a 2400, e o covado a 240, riscado trançado de linho á 120 e 140, chilla azul a 120, chitas de cords fixas a 160 e 140, cortes de dita patente a 2400, lenços de dita a 140 e a 160 de cassa branca, as bem conhecidas bretanhas largas a 2000 com 10 varas e a 3000 madrastos com 15 varas, rendas e bicos do todas as larguras, algodão dobrado americano para roupa de escravatura, e outras muitas fazendas baratas com amostras francas; na rua do Crespo, loja n. 12 de Antonio da Cunha Soares Guimarães, ao pé da loja da viuva Cunha Guimarães.

= No deposito de assucar refinado, estabelecido junto ao arco de S. Antonio, em frente do caes do Collegio, ha para vender assucar refinado, segundo o novo systema de fabricação, pelo qual se extrae a potassa, e cal, deixando-se-o no seu estado de pureza; sendo o preço da libra do de primeira sorte, e em pães 160 rs., e o de segunda e terceira, em pó, a 120, e 80 rs.

— Vende-se uma venda em Olinda na rua do Amparo n. 6, com poucos fundos, vendo sofrivel, e a casa tem bons commodos para familia, e o aluguel he muito commodo, vende-se por seu dono retirar-se para fora do Imperio; a tractar na mesma.

= Vende-se um escravo, de 22 annos, de nação Benguella; ne patio do Terço n. 18.

Escravos fugidos.

150,000 rs. de gratificação.

= Fugio no dia 30 de Janeiro do corrente anno, um mulato acabocolado, claro de nome Cosme, baixo e reforçado do corpo, de 15 annos, levou vestido camisa de riscado ja desbotado e calças da mesma fazenda, quando falla inclina a cabeça para a banda, desconfia-se que esteja em algum lugar para o matto a titulo de forro; quem o pegar leve ao largo do Corpo Santo n. 11, que será gratificado.

= Da-se 200,000 rs. a quem der noticias certas de dous escravos; João de nação Urubaro ou Camundá, estatura alta, reforçado do corpo, bem ladino, com cantos de um lado e outro da cabeça, de 26 a 30 annos, bonita figura, o maior signal que tem he ter as costas e nadegas com marcas de chicote. Miguel, de bonita figura, cara redonda, tem peitos como mulher, tambem com marcas de chicote nas costas e nadegas, he de nação Moçambique, bem fallante, estatura regular; quem os pegar leve a rua do Crespo n. 10 na loja da viuva Cunha Guimarães, ou no arco da Conceição, botica de Antonio Pedro das Neves.

= No dia 29 do p. p. fugio do abaixo assignado um negro de nome Ambrosio, crioulo, alto, grosso do corpo, levou vestido camisa e calças de algodão da terra, representa ter 50 annos, dizem que fora para Nazareth; quem o pegar leve a rua da Cruz do Recife n. 12, que será gratificado. = *João Leite Pita Ortigueira.*

— No dia 4 do corrente fugio o escravo Balthazar, crioulo, de 45 a 50 annos, alto, secco do corpo, com falta de dentes, uma grande chaga na canella da perna esquerda, a ponto de quando anda puchar pelo quarto, no pé direito falta-lhe o dedo minimo, sahio com calças brancas, e camisa de chila azul; foi escravo de Lourenço de Bruno Rodrigues Luna (por alcunha Calença), que foi lavrador do engenho S. Cosme na Varzea, e depois mudou-se para o engenho Poeta, hoje ja fallecido, e seus herdeiros estão no engenho de Unna perto de S. Antão, de que he proprietario o Dr. Dantas, he de supor que para ali tenha hido; quem o pegar leve a rua Nova, armazem n. 67, que será recompensado.

RECIFE: NA TYP. DE M. F. DE FARIA. = 1843